Modelo de desenvolvimento

José Carlos Radin
Gentil Corazza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RADIN, J.C., and CORAZZA, G. Modelo de desenvolvimento. In: *Dicionário histórico-social do Oeste catarinense* [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 97-101. ISBN: 978-85-64905-65-8. <https://doi.org/10.7476/9788564905658.0022>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Modelo de desenvolvimento

.....

A característica básica do modelo de desenvolvimento regional do Oeste catarinense consiste na articulação orgânica das grandes indústrias de carnes, suínos, aves e leite, com a agricultura de escala familiar, que se formou ao longo do processo de colonização da região. Aqui, criaram-se as condições que permitiram a articulação da produção agrícola e da produção de suínos e aves com a indústria frigorífica, para formar as maiores empresas do setor de carnes e derivados do Brasil e, também, o maior complexo agroindustrial da América Latina. Utilizamos aqui o termo “desenvolvimento” no sentido de crescimento econômico, acompanhado da melhoria das condições de vida da população.

Desde o final do século XIX, o desenvolvimento do Oeste catarinense passou por um longo processo, em que se sucederam diversos “ciclos econômicos”, como o da pecuária extensiva, o da indústria extrativa da erva-mate e da madeira, o ciclo da colonização e o da agroindústria frigorífica. Ao longo desses ciclos foi se formando a acumulação de capital, fator fundamental do desenvolvimento capitalista regional. Mas o capital começou a ser acumulado de forma significativa e contínua a partir da criação e do comércio de suínos pelos colonos, como desdobramento das atividades da agricultura familiar de subsistência.

O desenvolvimento socioeconômico da região Oeste catarinense possui características particulares se comparado ao desenvolvimento de outras regiões brasileiras. Sua base econômica e sua principal característica residem na agricultura familiar e na sua peculiar integração com as agroindústrias frigoríficas originadas e desenvolvidas na região, pois foi a partir da criação e comercialização de suínos, no seio da agricultura familiar, que se impulsionou a formação de capital comercial, fonte da acumulação e do desenvolvimento capitalista da região. Aos poucos, o capital comercial investido em matadouros e pequenos frigoríficos transformou-se progressivamente em capital industrial, motor da grande indústria frigorífica, típica da região.

Esse modelo de desenvolvimento origina-se e estrutura-se progressivamente de acordo com a evolução do processo de integração entre a agricultura familiar e a indústria frigorífica. De início, a integração era baseada em acordos verbais informais, mas foi gradativamente se formalizando e aperfeiçoando através de contratos que estabeleciam uma relação de compra e venda garantida dos suínos, com preços e condições de pagamentos pré-fixadas, sem, contudo, interferir nas condições e formas de produção. Os primeiros contratos baseavam-se nos princípios da cooperação e proteção mútuas e atendiam aos objetivos tanto dos agricultores como dos frigoríficos. Até a década de 1950, a capacidade produtiva dos frigoríficos dependia da produção familiar de suínos. A influência das indústrias sobre a produção só ocorria de forma indireta. Nesse período, os agricultores gozavam de uma grande autonomia na gestão de suas atividades. Mas a criação do Departamento de Fomento Agropecuário pela Sadia, na década de 1960, estabelece um novo marco nesse processo de integração, pois começava a interferir no processo produtivo de suínos e na oferta da matéria-prima fornecida pelos agricultores. O aperfeiçoamento e a generalização deste modelo inicial de integração operado pela Sadia significaram um grande impulso, tanto para as atividades frigoríficas, como para a criação de suínos. A partir daí, a indústria frigorífica continuou a aprofundar sua ingerência sobre a criação de suínos feita pelos agricultores, visando sempre melhorar a produção e a produtividade. A iniciativa da integração foi da indústria frigorífica, motivada pela necessidade de garantir uma contínua oferta de produtos homogêneos e de boa qualidade por parte dos agricultores. Estes, por sua vez, tinham assegurada a venda de sua produção. Por seu lado, a integração também operou mudanças na natureza da produção agrícola familiar, que destinada inicialmente à subsistência, com o aprofundamento da integração, passa a ser uma produção para o mercado.

Depois foram se estreitando os laços entre produtores e frigoríficos, através dos contratos de integração, que envolviam não apenas preços e condições de pagamento, mas interferiam, também, na maneira de produzir das unidades rurais, com fornecimento de assistência

técnica, rações e transporte da produção. Nesse contrato, os produtores se comprometem a cumprir rigorosamente um conjunto de normas técnicas estabelecidas pelas empresas, que incluem desde as instalações e os cuidados com os animais, bem como a entrega dos animais terminados em prazos preestabelecidos pelos frigoríficos. Além disso, os agricultores devem oferecer a mão de obra necessária para a produção e arcar com os encargos sociais. O não cumprimento dessas exigências contribui para a gradativa exclusão dos agricultores do contrato de integração.

Para os agricultores, a integração garante o escoamento de toda a produção, além de assistência técnica e maior facilidade ao crédito. Para as agroindústrias, matéria-prima de qualidade a um custo menor, já que elas não necessitam investir em instalações, terras e mão de obra. A integração implica, também, produção de melhor qualidade, melhorias nas instalações físicas e novas técnicas produtivas, que potencializam a pequena propriedade rural.

Um novo padrão de integração tornou-se dominante, na década de 1980, que passou a ser chamado de modelo de integração de ciclo completo, no qual os agricultores tinham o controle e o comando do processo de produção, que se baseava muito mais no conhecimento, na capacidade produtiva e na organização da produção feita pelos próprios agricultores, mas incluía também a introdução de novas técnicas produtivas, novas raças de suínos e novas estruturas de produção. Nos anos 1990, o modelo de ciclo completo foi sendo substituído pelo modelo de parceria, que se torna dominante a partir dos anos 2000. Nesse sistema de parceria, as responsabilidades de cada uma das partes ficam claramente estabelecidas: os agricultores entram com as instalações, os equipamentos e a mão de obra; as agroindústrias frigoríficas fornecem os animais, os insumos, os medicamentos e a assistência técnica. A remuneração que os agricultores recebem depende de sua produtividade, mas os critérios de cálculo da produtividade são impostos pelas agroindústrias e não são conhecidos pelos próprios agricultores. Na década de 1970, a criação de aves passa a ser feita de acordo com o mesmo modelo de integração aplicado à criação de suínos. Mesmo exigindo investimentos iniciais altos, a avicultura oferece resultados

maiores e mais rápidos que a suinocultura. Talvez, por isso, apesar de ter iniciado algumas décadas depois da suinocultura, a avicultura expandiu rapidamente e consolidou-se como principal atividade agroindustrial da região. Esse complexo agroindustrial regional de suínos e aves, iniciado nos anos 1940 e 1950, torna-se maduro e consolida-se nas décadas de 1970 e de 1980, transformando-se na base do desenvolvimento econômico regional.

O sistema de integração, embora tenha alterado o modo de vida colonial, inserindo novas formas de relações de produção e um novo ambiente social e econômico, significou um avanço na produção familiar e uma melhoria nas condições de vida dos agricultores integrados. Apesar de subordinados ao capital industrial, os agricultores ainda continuam proprietários de suas terras e de seus meios de produção. Mas, por outro lado, a integração implicou, também, em grandes perdas, sobretudo em relação a sua autonomia e ao controle sobre sua produção. Os pequenos produtores rurais conservaram, contudo, muitos elementos de seu antigo modo de vida de colonos e de agricultores familiares. Em geral, os que conseguiram manter-se melhoraram sua condição de vida e se adaptaram ao novo sistema de produção e ao modo de vida dele decorrente.

O resultado da dinâmica desse modelo foi que, em poucas décadas, operou-se um rápido e vertiginoso processo de transformação de uma região colonial de pequenos produtores, que produziam basicamente para a subsistência, em uma economia agroindustrial poderosa, líder na produção para mercados nacionais e forte competidora nos mercados internacionais.

No entanto, as virtudes desse modelo vêm acompanhadas de contradições, pois o mesmo modelo responsável pelo desenvolvimento é também um modelo de grande concentração econômica, de capital e de riqueza, e de exclusão dos pequenos produtores, responsável também pelo êxodo rural dos trabalhadores mais jovens, pela degradação do solo decorrente da poluição do meio ambiente, sobretudo dos seus mananciais de água.

REFERÊNCIAS

- BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Os Ciclos Econômicos do Extremo Oeste Catarinense**: modernização, progresso e empobrecimento. (Dissertação de Mestrado). Blumenau, 2003.
- MELLO, Márcio Antônio de; SCHNEIDER, Sérgio. A Produção de “novidades” como alternativa à crise pelos agricultores do Oeste de Santa Catarina. **Desafio Online**, Campo Grande, v. 1, n. 3, set./dez. 2013.
- MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.
- OLIVEIRA, Antônio Marcos P. **A dinâmica do desenvolvimento regional**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2010.
- PIVA, Ana Sílvia. **Formação do Sistema Agroindustrial e os Fluxos Migratórios na Mesorregião Oeste Catarinense**. (Monografia). Florianópolis: UFSC, 2010.